



De objetos a sujeitos: narrativas sobre acesso e permanência de pessoas trans na universidade

Brume Dezembro Iazzetti / Regina Facchini (Orientadora)

Resumo

Este projeto surge na continuidade da pesquisa de iniciação científica realizada entre julho de 2017 e 2018, intitulada “Gênero, conhecimento e política: Uma etnografia da atuação de pessoas trans e travestis na universidade” e financiada pelo PIBIC-CNPq. A pesquisa busca compreender as relações e tensões que permeiam o acesso e a permanência de pessoas trans nos espaços universitários, tanto em seus obstáculos e violências quanto em suas dimensões produtivas, especialmente no que tange à produção e circulação de conhecimentos. A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por meio de entrevistas semiestruturadas com pessoas trans que ali estudam, aliadas à observação participante em eventos públicos, grupos e coletivos organizados por/para pessoas trans e à análise de ações e documentos ligados a políticas específicas para esses sujeitos na universidade.

Palavras-chave:

Interseccionalidade, universidade, conhecimento

Introdução

Em minha primeira pesquisa de iniciação científica, acompanhei mobilizações de pessoas trans – pessoas que não se identificam com o gênero/sexo diagnosticado ao nascer – na Unicamp.

Através do trabalho de campo em eventos públicos, enfatizei as relações entre o “dentro” e “fora” da universidade. Publicamente, nos eventos, os relatos de estudantes trans tiveram um aspecto de denúncia frente a inconsistências da universidade para lidar com suas experiências.

Por um lado, havia a dita “realidade” das pessoas trans “na universidade”, atravessada pelo que foi chamado de “transfobia institucional”, que dificultava sua permanência naquele espaço. Por outro, havia a “realidade” das pessoas trans “no país”, marcada por violências que entrecruzam gênero, raça e classe. Frente a essa “realidade” mais ampla, a “realidade” das pessoas trans “na universidade” era tida como um “privilegio”.

Através da aparente contradição entre “sofrer violência” e “ter privilegio” argumentei que esses enunciados e práticas a todo momento constituem o que se entende por “pessoas trans” e “universidade” sem fragmentá-los. As relações entre ambos devem ser entendidas de modo contextualizado, sem perder seu caráter de unidade (mesmo que porosa), o que mantém firme as demandas de ampliação de políticas afirmativas para pessoas trans (que atravessam as noções de “ocupação” e “ressignificação”) e um questionamento radical do que é a universidade e o conhecimento ali produzido, sob uma perspectiva interseccional.

Para essa segunda pesquisa, busquei, além de continuar acompanhando os eventos, realizar entrevistas semi-estruturadas com estudantes trans. As entrevistas duraram, cada uma, entre 2 e 3 horas, abarcando a trajetória dos/as estudantes antes e durante sua presença na universidade, enfatizando as questões de acesso e permanência estudantil. Além disso, busquei incluir na pesquisa minha própria trajetória pessoal, também como uma estudante trans na Unicamp.

Resultados e Discussão

Nas entrevistas, a universidade foi em grande medida descrita como um espaço seguro, onde se teve o primeiro contato com uma maior diversidade de sujeitos, incluindo outras pessoas trans. Compreender essa afirmação só faz sentido frente a trajetória traçada nas entrevistas: a universidade só pode ser entendida como um espaço seguro em relação a um ambiente domiciliar violento. Não por acaso, todas as pessoas trans entrevistadas se assumiram publicamente como trans após sua entrada na universidade.

No entanto, as entrevistas ganharam um novo tom quando o assunto foi a ausência de pessoas trans em cursos de formação universitária. Nesse momento, foram feitas duras críticas a certo “exotismo” acadêmico que atravessa uma produção sobre pessoas trans e a ausência desses sujeitos nos “cânones” disciplinares. Ao mesmo tempo, tais afirmações só fazem sentido frente a presença dessas mesmas pessoas entrevistadas em outros espaços de produção de conhecimento, no chamado “rolê trans” ou “cena trans”.

Conclusões

“Conhecimento” e a própria “universidade” aparecem atravessados por disputas e tensões.

Primeiro, deve-se destacar o aspecto relacional desses espaços, que, além de produtores de práticas e enunciados, são por eles também produzidos. Vale pontuar ainda a importância da circulação desses sujeitos entre diferentes espaços de produção de conhecimento – em particular entre universidade pública e movimentos sociais.

Segundo, a experiência de pesquisa revelou a importância de se pensar sobre metodologia e a presença do/a antropólogo/a em campo, que a todo momento informa seus resultados. “Levar a sério” o que é dito em campo força a antropologia a todo momento rever suas próprias teorias, metodologias e sua ética de pesquisa, sendo também eminentemente político.

Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC/Unicamp pelo financiamento à pesquisa. Agradeço aos/às participantes da pesquisa e a todas as pessoas trans que vem me ajudando a, também, permanecer na universidade.